

ENSINO A DISTÂNCIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE PESQUISA: UM ROTEIRO

DISTANCE TEACHING IN A RESEARCH INSTITUTION: A SCREENPLAY

Pérsio Sandir D'Oliveira¹
Frederico Fonseca da Silva²

RESUMO: Em uma sociedade voltada para o conhecimento, onde a tecnologia avança cada vez mais rapidamente, o ensino precisa mudar. O desafio precisa ser encarado pelos profissionais de Ensino à Distância (EaD), nos setores público e/ou privado. Existem três abordagens de EaD: *broadcast*; virtualização da escola tradicional; e estar junto virtual, sendo esta última a mais eficiente. A elaboração do curso na modalidade EaD passa por diversas etapas: identificação do público-alvo; construção do projeto pedagógico; autor; conteudista e tutor; elaboração de conteúdo e avaliação. O avanço vertiginoso das Tecnologias da Informação e Comunicação, especialmente a internet, fortalece o EaD no Brasil.

Palavras-Chave: ensino à distância; transferência de tecnologia; capacitação continuada.

ABSTRACT: In a knowledge-driven society, where technology advances faster and faster, education needs to change. The challenge needs to be faced by Distance Learning (EaD) professionals, in the public and private sectors. There are three EaD approaches: *broadcast*; virtualization of the traditional school; and being together virtual, the latter being the most efficient. The preparation of the course in distance education goes through several stages: identification of the target audience; construction of the pedagogical project; author; content writer and tutor; content development and evaluation. The vertiginous advance of Information and Communication Technologies, especially the internet, strengthens distance education in Brazil.

Key words: distance learning; technology transfer; continued training

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade voltada para o conhecimento, onde a tecnologia avança cada vez mais rápido, o ensino precisa mudar. Este é o desafio encarado pelos profissionais que trabalham com o Ensino à Distância (EaD), tanto na iniciativa privada quanto no setor público.

¹Pesquisador da EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Doutor em Fitotecnia. ORCID 0000-0002-4007-4536. E-mail: persio.oliveira@embrapa.br

²Professor e Pesquisador do IFPR - Instituto Federal do Paraná, Doutor em Irrigação e Meio Ambiente. ORCID 0000-0003-2817-6983. E-mail: frederico.silva@ifpr.edu.br

Como se não bastasse, essa pandemia de cunho mundial “colocou em xeque”, literalmente, da noite para o dia, todo o pensar conservador do ensino presencial tendo que se adequar aos moldes já bem definidos e estabelecidos pelo EaD. Ou seja, se um dia o EaD usou como suporte o modelo presencial, criando toda a rica discussão, entre os teóricos, presencial versus EaD, dessa vez foi o EaD quem deu o suporte ao modelo presencial de adequação a continuação do ensino.

A principal característica do EaD e que este ocorre entre alunos e professores, em um ambiente que possui como característica especial a separação entre professores e alunos. Isto produz diferentes comportamentos dos participantes, afetando tanto o ensino quanto a aprendizagem; assim, é importante transpor esse espaço psicológico e comunicacional, resultante dessa separação (PEREIRA *et al.*, 2017).

Entre diversas iniciativas públicas para uso de EaD, destaca-se o Programa TV Escola, iniciativa do Estado brasileiro para a formação de professores à distância, que ocorreu de 1995 a 2010, e que passou por diferentes governos (NOGUEIRA, 2017).

No cenário atual, de demanda crescente por EaD e na esteira da tecnologia (popularização de *smartphones*, *internet* 4G e outras), é necessário estudar suas diferentes abordagens, bem como o roteiro para elaboração de cursos nesta modalidade.

Abordagens de EaD

Decidiu-se, ao longo de todo o trabalho, manter o termo “Ensino” e não “Educação” à Distância, por concordar com Oliveira (2019) quando afirma que o termo ensino está ligado à instrução, treinamento e a transmissão de informação, onde o foco se dá ao conteúdo, enquanto a educação é um termo que se refere ao aperfeiçoamento, ao conhecimento e à prática. A principal diferença entre o ensino e a educação à distância está diretamente ligada à interação entre pares e a construção do conhecimento em conjunto.

Para Pereira *et al.* (2017), a democratização do acesso à educação é o meio para a promoção da cidadania e do desenvolvimento, sobretudo dos países mais pobres. Para tanto, recomendam a adoção de práticas educacionais mais flexíveis, principalmente com o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

A presença das TICs na educação implicou reorganização do trabalho didático e chegou a configurar, para alguns, uma nova modalidade de educação, chamada de Educação a Distância (EaD). Assim, as práticas de EaD e seu estudo deixaram de ser um tema periférico e assumiram um lugar de destaque no cenário da educação brasileira e mundial.

Hoje, existem três abordagens de EaD: *broadcast*, virtualização da escola tradicional e estar junto virtual (VALENTE, 2011; 2017; TAVARES-SILVA *et al.*, 2013; 2014).

A abordagem *broadcast* é baseada na ideia de tutoriais computacionais ou nos livros de instrução programada. O professor do curso organiza a informação de acordo com uma sequência que ele entende ser a mais adequada, e que é enviada ao aluno, por meio de tecnologias como o material impresso, rádio, televisão e *internet* (VALENTE, 2011; 2017; TAVARES-SILVA *et al.* 2013; 2014).

Neste caso, o professor não interage com o aluno, não tem retorno deste e, portanto, não tem ideia de como a informação foi compreendida ou assimilada pelo aprendiz (VALENTE, 2011; 2017; TAVARES-SILVA *et al.* 2013; 2014). Esta abordagem conferiu à EaD a reputação de educação de baixo custo e de segunda classe (MUGNOL, 2009).

Na virtualização da escola tradicional, ocorre uma “tradução” da escola presencial (tradicional) para formato EaD. O processo educacional é centrado no professor, detentor da informação, e que a repassa para o aluno. Existe alguma interação aluno-professor, que pode ser feita, via *internet*, tanto do professor para o aluno quanto do aluno para o professor (VALENTE, 2011; 2017; TAVARES-SILVA *et al.*, 2014).

Para verificar se a informação foi corretamente assimilada, o professor pode apresentar ao aluno situações problema, que necessitam da informação fornecida para sua solução. Aqui, o número de alunos por professor é menor, pois, como ele deve receber informação dos alunos, só pode atender um número limitado, sem perda de qualidade (VALENTE, 2011; 2017).

Mesmo com uma qualidade educacional melhor do que a *broadcast*, a interação aluno-professor ainda pode não ser o suficiente para criar condições para a construção de conhecimento pelo aluno. Assim, apresenta praticamente os mesmos problemas que o ensino nas escolas tradicionais (presenciais). É a abordagem de EaD mais utilizada no Brasil. A comparação entre a sala de aula tradicional e Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é mostrada na Tabela 1.

Tabela 1. Virtualização da sala de aula tradicional.

SALA DE AULA TRADICIONAL	AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM
Atividade em grupo	Wiki, projetos coletivos
Atividade individual	Tarefa
Aulas expositivas	Videoaulas
Avaliação	Questionário
Comunicação	E-mail (ferramenta assíncrona)
Conversação (diálogo face a face)	Chat (ferramenta síncrona)
Discussão (debate/seminário)	Fórum (ferramenta assíncrona)
Material de apoio (apostila, livro-texto, vídeos)	Hipertexto, e-book, links
Orientação pelo professor	Web conferência/videoconferência

(Adaptado de TAVARES SILVA *et al.*, 2014; TAVARES, 2017)

No “estar junto virtual”, existe a implantação de situações que permitem a construção de conhecimento do aprendiz, por meio do acompanhamento e assessoramento constante dele. O estar junto virtual explora a potencialidade interativa das diferentes TICs, favorecida pela comunicação multimídia, que aproxima o receptor (aluno) do emissor (professor ou tutor) (TAVARES- SILVA *et al.*, 2014; VALENTE, 2017).

O aluno deverá ser capaz de construir o conhecimento e solucionar problemas, em vez de apenas memorizar os conteúdos. Portanto, o professor (ou tutor) participa das atividades de planejamento, observação, reflexão e análise do trabalho que o aluno está realizando. Para ter sucesso, é necessário que o número de alunos por professor seja, no máximo, de 20; além disso,

deve haver uma equipe de apoio ao trabalho do professor (tutoria, *design* instrucional, pedagogia) (VALENTE, 2011; 2017).

O estar junto virtual, com o uso de AVA, é utilizado em diversas instituições de ensino e pesquisa, como Senar, UFV, UFRGS, UNICAMP, UNICESUMAR, PUC-SP, Embrapa, entre outras. O índice de conclusão dos cursos é alto, ultrapassando 90%. Uma comparação entre as três abordagens utilizadas em EaD é apresentada na Tabela 2.

Tabela 2. Comparação entre diferentes abordagens de EaD.

ABORDAGEM	VANTAGENS	DESVANTAGENS
<i>Broadcast</i>	Baixo custo. Eficiente para disseminar a informação para o maior número possível de pessoas.	Baixo a médio índice de conclusão (<50%). Baixa interação aluno-professor.
Virtualização da escola tradicional	Baixo custo. Existe interação aluno-professor. Médio índice de conclusão (>50%)	Foco no professor. Apresenta os mesmos problemas enfrentados no ensino presencial tradicional
Estar junto virtual	Solução educacional de alta qualidade. Foco no aluno. Alto índice de conclusão (>90%).	Alto custo. Dificuldade de gestão.

(Modificado de TAVARES-SILVA, 2014; VALENTE, 2017).

A elaboração de um curso na modalidade EaD passa por diversas etapas: identificação do público-alvo; construção do projeto pedagógico; autores para produção de conteúdo; conteudista e tutor; elaboração de conteúdo; e avaliação. Esta sequência é detalhada nas páginas seguintes.

Público-alvo

Para Almeida (2003) e Guimarães e Carvalho (2018), o EaD exige um acompanhamento da aprendizagem de forma diferenciada da educação tradicional, pois os alunos precisam passar por um processo de aculturação. Além disso, o entendimento do perfil dos alunos de EaD baseia-se na andragogia, de Malcolm Knowles³. Os adultos querem saber por que precisam

³**Andragogia** é a arte ou ciência de orientar adultos a aprender, segundo a definição cunhada na década de 1970 por **Malcolm Knowles**. O termo remete para o conceito de educação voltada para o adulto, em contraposição à pedagogia, que se refere à educação de crianças (do grego *paídós*, criança) (GOECKS, 2003).

aprender algo; apreciam ter algum controle sobre o que está acontecendo; preferem tomar as decisões sozinhas ou, pelo menos, ser consultados e ter responsabilidade pessoal; gostam de aprender experimentalmente e que o aprendizado seja relevante para suas necessidades; encaram o aprendizado como solução de problemas, e a aprender melhor quando o tópico tiver valor imediato (GUIMARÃES e CARVALHO, 2018).

Para determinar o perfil do público-alvo, alguns parâmetros devem ser levados em conta (GUIMARÃES e CARVALHO, 2018): faixa etária; conhecimento prévio; escolaridade; localização geográfica; motivação; e, tecnologia disponível.

Projeto pedagógico

A elaboração do Projeto Pedagógico (PP) pode ser considerada como a “espinha dorsal” de um curso, seja oferecido na modalidade presencial ou à distância. Contudo, este não pode ser uma “cópia” ou transposição de um curso presencial, pois apresenta características, formato e linguagem próprios e nem sempre adaptáveis.

O PP de um curso deve conter, no mínimo: perfil do aluno (ou profissional a ser formado); objetivos gerais e específicos do curso; descrição do currículo pleno, com ementas das disciplinas, atividades e bibliografia; número de vagas e período de funcionamento; relação de docentes/tutores; e, apresentação das instalações, equipamentos, biblioteca e laboratórios.

Uma descrição detalhada dos elementos do PP de um curso EaD é apresentada por Guimarães e Carvalho (2018). As autoras apresentam dezessete elementos do PP, desde o título do curso até a identificação dos órgãos de financiamento e/ou parceiros.

Autoria

Para Filatro e Cairo (2015), a distância física e temporal entre quem ensina e quem aprende determina uma forma de comunicação diferenciada:

um diálogo didático simulado. A linguagem empregada muda da matriz sonora (oral) para a matriz verbal (textual) e visual (gráfica). A criação de conteúdos educacionais precisa ser encarada com base na lógica de produção editorial, com importância da organização e o fluxo da informação, o bom emprego da linguagem, o ineditismo representado pela voz do autor e o respeito a direitos autorais de terceiros.

De acordo com Carabetta Júnior (2013), a técnica do mapeamento mental, desenvolvida por J.D. Novak, na década de 1970, consiste em representar graficamente as relações entre um conjunto de conceitos (geralmente substantivos) centrais a uma área ou um recorte de conhecimento. A estrutura resultante mostra desde os conceitos mais abrangentes até os mais específicos, auxiliando a ordenação e a sequenciação hierárquica dos conteúdos (FILATRO e CAIRO, 2015).

O mapeamento mental baseia-se na teoria de aprendizagem significativa de David Ausubel: a aprendizagem decorre da “ancoragem” de novos conceitos e proposições a estruturas cognitivas preexistentes (AGRA *et al.*, 2019). Na interação entre o novo conhecimento e o já existente, ambos se modificam. O processo é dinâmico, à medida que o conhecimento vai sendo construído (FILATRO e CAIRO, 2015).

Os tópicos podem ser organizados para evidenciar as principais divisões, seções e outras partes do documento. No caso da obra impressa, em um sumário, o recurso editorial clássico e obrigatório de localização de conteúdo; na obra digital, isso é feito por um mapa de links, que remetem aos respectivos nós (FILATRO e CAIRO, 2015).

Os mapas refletem a estrutura cognitiva de uma pessoa ou de um grupo a respeito de determinada área do conhecimento. Portanto, não existe um mapa “perfeito”; o que pode existir são mapas com conceitos errados ou relações impróprias. Muitos instrumentos podem ser usados na construção de mapas mentais: lápis e papel; *post-its*; cartões; programas de computador como CMap Tools, MindMono e FreeMind (FILATRO e CAIRO, 2015).

A técnica *mash-up* consiste em levantar bibliografias e referências de apoio para, a partir delas, iniciar e completar a redação do material inédito (SOUSA, 2009). Esta técnica traz diversidade e múltiplas perspectivas ao conteúdo, além de inspirar o conteudista ao fornecer abordagens criativas sobre o tema, oferecendo subsídios para a elaboração de casos práticos e modelos de imagens. Assim, é um manancial de indicações bibliográficas que, selecionadas pelo autor, podem ser recomendadas como literatura complementar para os alunos (FILATRO e CAIRO, 2015).

Segundo as autoras, a técnica *mash-up* requer alguns cuidados para ser eficiente: pesquisa e seleção de fontes confiáveis; e respeito à cultura de direitos autorais. Uma das primeiras ações do especialista em conteúdo é o levantamento de fontes bibliográficas e outros materiais de consulta. As fontes podem incluir: materiais didáticos desenvolvidos pelo próprio especialista; livros, artigos, enciclopédias e compêndios; *sites da web*; tutoriais, jogos e apostilas; manuais de instrução de equipamentos, ferramentas e recursos; e, folhetos, materiais de divulgação etc.

O maior desafio no levantamento das fontes é selecionar aquelas que ajudarão a assegurar a qualidade técnica e científica. Deve-se evitar fontes apócrifas e materiais constantemente revistos e alterados (como a Wikipédia). É arriscado encaminhar o aluno para sites de pessoas físicas ou jurídicas, que não possam afiançar a autoria dos materiais publicados, nem garantir a permanência dos endereços eletrônicos (FILATRO e CAIRO, 2015).

Robert Boice desenvolveu a escrita generativa, que combina escrita espontânea (ou criativa) com a escrita consciente (CRUZ, 2018). Na escrita espontânea, o autor produz, de forma livre e sem censura, um texto autêntico, que traz à tona sua voz como especialista, educador e pessoa. Entretanto, o texto resultante da escrita espontânea nem sempre se ajusta às necessidades do público-alvo e às características do contexto e, em geral, não faz o melhor uso da mídia de suporte (FILATRO e CAIRO, 2015).

A técnica da escrita generativa alterna períodos de escrita livre e de escrita consciente, permitindo que o autor trabalhe a criatividade e a crítica

(NUNES, 2006). A cada nova versão do material, o conteudista submeterá o mesmo à leitura de outros profissionais, como revisores, pareceristas, designers instrucionais e redatores (FILATRO e CAIRO, 2015).

Conteudista

O conteudista é o profissional que possui domínio sobre determinado assunto. Geralmente professor e especialista, mestre ou doutor, com experiência em disciplinas afetas aos objetos de estudo do conteúdo. Para este profissional, é encomendado um texto que reflita seu saber, mas que também expresse as necessidades do projeto de EAD ao qual está atendendo. O trabalho a ser realizado com o conteudista envolve uma relação dialógica que vai além da dimensão comercial (CORDEIRO *et al.*, 2006).

Geralmente, o conteudista utiliza uma linguagem específica, com os vícios de linguagem típicos de sua área do conhecimento. Embora seja profundo conhecedor sobre determinado assunto, ele pode não ser um bom escritor. Assim, ele pode recorrer ao auxílio de um editor, ou redator, para dar esse formato mais adequado (CORDEIRO *et al.*, 2006).

Tutor

A tutoria é fundamental no acompanhamento dos alunos, como elo entre os mesmos e os professores. O tutor é uma figura estratégica nos cursos à distância: é o agente responsável por orientar, guiar, provocar, instigar o estudante pelo curso, o desejo de aprender e de buscar novos horizontes. Ele participa ativamente do processo de ensino-aprendizagem e contribui para o acompanhamento e avaliação do Projeto Pedagógico (COSTA, 2008; SATHLER, 2008; PARANÁ, 2010; RODRIGUES *et al.*, 2011).

Conforme Rodrigues *et al.* (2011), as intervenções do tutor são diferentes daquelas do professor presencial, em três dimensões principais: tempo, oportunidade e risco. O tempo do tutor é escasso, pois ele não sabe quando o estudante voltará a entrar em contato para receber uma nova

orientação. Assim, as oportunidades de diálogo devem ser bem aproveitadas. E o risco está em não aproveitar bem o tempo e a oportunidade, e permitir que o estudante siga com uma visão parcial ou distorcida do tema, o que prejudicará seu desempenho na disciplina. A instituição que se propõe a oferecer cursos EaD precisa lembrar que, na educação de adultos, o papel do tutor é fundamental.

As principais funções do tutor são (SATHLER, 2008): manter contato não superficial e regular (mínimo uma vez por semana) com os alunos, capaz de estabelecer relacionamentos produtivos entre os alunos e destes com os professores; exercer o respeito para com a realidade dos alunos e ter consciência de que se tratam de seres humanos, com necessidades, anseios e desafios próprios; colaborar, sem paternalismo, para que os alunos tenham condições de encontrar soluções para suas dificuldades; ser problematizador, sem se tornar evasivo ou incoerente; assumir que não tem todas as respostas, e se dispor a pesquisar em busca daquilo que não sabe; ser claro a respeito de suas expectativas e seus limites, divulgar e cumprir as regras de relacionamento e comunicação do curso; respeitar a confidencialidade e não expor as fraquezas ou erros que possam desmotivar os alunos; valorizar os alunos melhores e mais esforçados, para criar uma cultura de autoaperfeiçoamento entre eles; e, aprender com seus colegas, alunos e outros participantes dos processos educacionais, e compartilhar coletivamente suas melhores experiências.

A atuação do tutor é decisiva para o sucesso dos cursos à distância, especialmente para evitar o problema da evasão de alunos.

Elaboração de conteúdo

Para Filatro e Cairo (2015), a mídia impressa ainda é amplamente utilizada em educação, apesar do crescimento das tecnologias digitais. A qualidade dos conteúdos impressos varia, em proporção direta ao tempo dedicado à sua elaboração; a produção de mídias digitais é ainda mais complexa e onerosa. À medida que surgem novas mídias e tecnologias,

multiplicam-se as especializações, causando sobreposição de interesses e articulação de funções. As autoras optaram por abordar a produção de conteúdo pela vertente multimodal: produção gráfica e digital; produção multimodal; produção de áudio; e produção de vídeo.

Avaliação

Etapa final do processo, a avaliação em EaD tem características próprias, pois, como se trata de uma modalidade de ensino com foco no aluno, deve ser executada de modo diferente do ensino presencial. Contudo, na maioria das vezes, a avaliação em EaD é feita presencialmente, menos por necessidade e mais porque não se consegue desenvolver formas de avaliação que dispensem a presencialidade (SANTOS, 2006; MERCADO, 2008; FILATRO e CAIRO, 2015).

A avaliação é uma ação pedagógica, necessária para a qualidade do processo ensino-aprendizagem, e que deve cumprir três funções didático-pedagógicas: diagnóstica, formativa e somativa (SANTOS, 2006; FILATRO e CAIRO, 2015): função diagnóstica: refere-se à identificação do nível inicial de conhecimento dos alunos naquela área, bem como a verificação das características e particularidades individuais e grupais do aluno; função formativa: é aplicada no decorrer do processo de ensino-aprendizagem; é uma ferramenta importante de estímulo para o estudo, uma vez que sua principal utilidade é apontar os acertos e os erros dos alunos e do professor. Permite o acompanhamento do rendimento do aluno; e, função somativa: é usada para classificar os alunos conforme seus níveis de aproveitamento do processo de ensino-aprendizagem. Ocorre ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino.

A avaliação *online* permite o controle periódico do processo acadêmico dos alunos, permitindo uma avaliação contínua e que estimula os alunos no processo de construção do conhecimento. Além da avaliação no formato de

uma prova final, podem ser utilizados: chats, fóruns, entrevistas e outras avaliações, realizadas no AVA (MERCADO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos acreditam que o EaD é apenas um paliativo ao ensino presencial tradicional e a presente pandemia veio para provar ao mundo a utilidade dessa ferramenta. Entretanto, os novos recursos tecnológicos e audiovisuais removem, cada vez mais, as barreiras entre os mundos “real” e “virtual”, constituindo ferramenta poderosa para o ensino de qualidade.

Por meio do EaD, é possível que os adultos voltem a estudar e se tornarem agentes de mudança no seu meio, seja de sua própria história, seja da sociedade como um todo. Ademais, seja em cursos nos mais diferentes níveis educacionais, como a tão desejada formação continuada, seja o formato de capacitação e/ou atualização técnica em órgãos de pesquisas.

REFERÊNCIAS

AGRA, G.; FORMIGAL, N.S.; OLIVEIRA, P.S.; COSTA, M.M.L.; FERNADES, M.G.M.; NOBREGA, M.M.L. Análise do conceito de Aprendizagem Significativa à luz da Teoria de Ausubel. **Rev. Bras. Enferm.** [Internet]. 2019;72(1):258-65. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v72n1/pt_0034-7167-reben-72-01-0248.pdf. Acesso em 03.04.2020.

ALMEIDA, M.E.B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Tecnologias, Educ. Pesqui.** 29 (2) • Dez 2003 • <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000200010>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v37n3/17.pdf>. Acesso em 03.04.2021.

CARABETTA JR., V. A Utilização de Mapas Conceituais como Recurso Didático para a Construção e InterRelação de Conceitos. **Revista Brasileira de Educação Médica** 37 (3): 441-447; 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v37n3/17.pdf>. Acesso em 03.04.2020.

CORDEIRO, B.M.P.; ROSA, C.; FREITAS, M. **Educação à distância e o conteudista: uma relação dialógica.** Disponível em: <www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc034.pdf>. Acesso em: 29.05.2019.

COSTA, M.M. Tutoria: dirigindo e orientando situações de aprendizagem. In: SATHLER, L.; AZEVEDO, A.B. [Orgs.] **Orientação didático-pedagógica em cursos à distância.** São Bernardo do Campo: Umesp, p.47-59, 2008.

CRUZ, R.N. Becker e o silêncio sobre a escrita na pós-graduação: soluções antigas para o cenário brasileiro atual? **Psicol. Soc.** vol.30 Belo Horizonte 2018. Epub June 07, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822018000100801&script=sci_arttext. Acesso em 02.04.2020

FILATRO, A.; CAIRO, S. **Produção de conteúdo educacionais**. São Paulo: Saraiva, 2015. 462p.

GOECKS, R. **Educação de adultos uma abordagem andragógica**. 2003. Disponível em: <<http://www.andragogia.com.br>> Acesso em: 10/jun/2019

GUIMARÃES, T.R.C.; CARVALHO, M.L. **Planejamento e desenvolvimento de cursos em EAD**. Viçosa: UFV, 2018. 28p. :il [e-book]

MERCADO, L.P.L. Ferramentas de Avaliação na Educação Online. In: IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 2008. **Anais, ...** Caracas, Venezuela, 2008. 14p. Disponível em: <www.ufrgs.br/niee/eventos/RIBIE/2008/pdf/ferramientas_avaluacion.pdf>. Acesso em 31.05.2019.

MUGNOL, M. A educação a distância no Brasil: conceitos e fundamentos. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.9, n.27, p.335-349, maio/ago. 2009.

NOGUEIRA, D.X.P. Sentidos do programa TV Escola como uma política pública de formação continuada de professores. In: PEREIRA, M.F.R.; MORAES, R.A.; TERUYA, T.K. (Orgs.) **Educação à distância (EaD): reflexões críticas e práticas**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017. p.67-82

NUNES, G.P. 2006. **O aproveitamento da ordem de aquisição das sílabas nas cartilhas adotadas no município de Catalão- GO**. Tese de doutorado. 189 p. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/891.pdf. Acesso em 05/04/2020.

PEREIRA, M.F.R.; MORAES, R.A.; TERUYA, T.K. (Orgs.) **Educação à distância (EaD): reflexões críticas e práticas**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017. 274p.

OLIVEIRA, B. **EAD: Qual a diferença entre Educação e Ensino a Distância?** 2019. Disponível em: <https://www.catho.com.br/educacao/blog/qual-a-diferenca-entre-educacao-a-distancia-e-ensino-a-distancia/>. Acesso em: 08.04.2020

PARANÁ. **Tutoria em EAD** / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Tecnologias Educacionais. Curitiba: SEED, 2010. 20p. (Cadernos Temáticos)

RODRIGUES, C.A.F.; SCHMIDT, L.M.; MARINHO, H.B. **Tutoria em Educação a Distância**. Ponta Grossa: UEPG, 2011. 125p.

SANTOS, J.F.S. Avaliação no Ensino a Distância. **Revista Ibero americana de Educación**, Madrid, v.4, n.38, 2006. Disponível em: <rieoei.org/deloslectores/1372/Severo.pdf>. Acesso em: 31.05.2019.

SATHLER, L.A. tutoria em cursos superiores a distância. In: SATHLER, L.; AZEVEDO, A.B. [Orgs.] **Orientação didático-pedagógica em cursos à distância**. São Bernardo do Campo: Umesp, p.09-15, 2008.

SOUSA, R.A. **A estética mash-up**. 2009. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 109 p. Disponível em:
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18228/1/Randolph%20Aparecido%20de%20Souza.pdf>. Acesso em 28.03.2020.

TAVARES-SILVA, T.; VALENTE, J.A.; DIAS, P. Diferentes abordagens da educação à distância mediada por computador e via Internet. **Scitis**, Santana do Parnaíba, v1, n1, p.12-21, set. 2014. Disponível em:
<<http://www.unipinterativa.edu.br/scitis/>>. Acesso em: 01.05/2019.

TAVARES-SILVA, T.; VALENTE, J.A.; DIAS, P. Os suportes de uma comunidade virtual de aprendizagem: uma experiência do Governo do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista do Serviço Público**, v.64, n.2, p.223-247, Brasília, abr./jun. 2013. Disponível em:
<<https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/122/141>>. Acesso em: 04.05.2019.

VALENTE, J. A. **Diferentes abordagens de Educação à Distância**. Coleção Série Informática na Educação - TV Escola. 2017. Disponível em:
<<http://www.proinfo.mec.gov.br/upload/biblioteca/195.pdf>> Acesso em: 20.04.2019.

VALENTE, J. A. Educação à distância: criando abordagens educacionais que possibilitam a construção de conhecimento. In: VALENTE, J.A.; MORAN, J.M.; ARANTES, V.A. [Orgs.] **Educação à distância: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2011. p.13-42.